

A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: UM ESPAÇO POSSÍVEL PARA A RETOMADA DA IDENTIDADE DO MIGRANTE

Maria Iolanda Rezende Vieira De Benedetto¹

RESUMO

O artigo aborda um espaço alternativo de educação, memória cultural e integração social, localizado na região sudoeste do município de Santo André, o CESPROM: Centro Scalabriniano de Promoção do Migrante. Uma possibilidade de acolhida na trajetória de migrantes pobres na busca de melhores condições de vida e trabalho. Também é objetivo do artigo refletir sobre a educação não formal na dimensão da constituição da identidade do sujeito no processo de coletividade e participação social.

PALAVRAS-CHAVE: Educação não-formal, Migrante, CESPROM, Formação humana e profissional, Cidadão do mundo, Participação social.

ABSTRACT

This article explores an alternative place in education, cultural memory and social integration located in the southwest region of Santo André, CESPROM: Centro Scalabriniano de Promoção ao Migrante. It is one possibility of welcome in the poor migrants way, that are looking for better conditions of life and work. It is also our goal to reflect about a non formal education in a way it is part of the identity constitution of a person in a process that is collective and in a social participation too.

A HISTÓRIA

O indivíduo que muda de uma região para a outra, no interior de um país, é denominado um cidadão migrante. Ele pode constituir família, conseguir ocupação e fazer amigos no local para onde migrou ou, ao contrário, ter deixado tudo isso na localidade na qual morava, para tentar a sorte em outra cidade. Faz novos amigos, arranja outro emprego, sendo possível até que volte ou mande vir para junto de si seus familiares. Isto quando não migram famílias inteiras. Mas, o que leva uma pessoa a querer sair de sua “terra” para viver em outro lugar? Geralmente o impulso principal é a esperança de uma vida melhor. Sonhos, planos de melhoria e sucesso. Mudanças como essas parecem simples, mas nem sempre

¹ Licenciada em Física, pós-graduada em Física e Astronomia, especialista em Coordenação Pedagógica pela Universidade Metodista de São Paulo, Coordenadora Pedagógica do Ensino Médio e Curso Pré-Vestibular do Colégio ESI São José.

são. Quem migra muitas vezes se sente um estranho, nem sempre se sente parte do novo espaço. Quem migra em condições precárias sente muito mais o estranhamento. Foi pensando no sofrimento de quem não encontra espaço, não se sente parte da comunidade para onde migrou que nasceu o CESPROM: Centro Scalabriniano de Promoção do Migrante.

Scalabrini e Marchetti:

Em 1880, na Estação Ferroviária de Milão, João Batista Scalabrini, Bispo de Piacenza ficou fortemente sensibilizado com as dramáticas condições dos pobres migrantes que aguardavam o trem para Genova, de onde, em navios, embarcariam para as Américas. Assim os descreveu o Bispo de Piacenza: “Eles, em lágrimas, tinham dito adeus ao povoado natal, ao qual os ligava tantas lembranças agradáveis, mas, sem saudade dispunham-se a abandonar a pátria. Pois eles não a conheciam, senão sob duas formas odiosas: o alistamento e o cobrador de impostos. Para o deserdado, a pátria é a terra que lhe dá o pão: lá, longe, esperavam encontrar o pão.” Scalabrini passa então a dedicar fundamentalmente à atenção aos migrantes.

Scalabrini tem o apoio e a cumplicidade de Padre José Marchetti, que, realizando duas viagens como capelão-de-bordo num navio de imigrantes, viu de perto a verdadeira degradação humana. Ali, ele conviveu com pessoas exploradas, destituídas de seus direitos, eram famílias inteiras que se aventuravam a imigrar para a América sem nenhuma assistência, tanto a bordo como quando aqui chegavam e se desestruturavam totalmente, incluindo crianças que ficavam órfãs de seus pais. Essa imigração coincidia, portanto, com o fim da escravidão dos negros, o imigrante italiano veio substituir a mão-de-obra escrava. Sensibilizado com essa dura realidade, Padre José Marchetti retorna à Itália e torna-se Missionário Scalabriniano e, de volta ao Brasil, traz consigo sua irmã Assunta, sua mãe e mais três missionárias. Eles fazem todo um trabalho de apoio e orientação aos imigrantes, que vai desde a evangelização até o amparo as crianças órfãs e abandonadas.

Um trabalho que Padre Marchetti desenvolvia entre o orfanato do Ipiranga, Vila Prudente e as fazendas, levando aos imigrantes o seu apoio e solidariedade.

Hoje esse trabalho continua através das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo Scalabrinianas, mantendo os mesmos ideais. O objetivo é promover a formação

humana e profissional para o emprego e geração de renda de jovens (a partir de 16 anos) e adultos, identificando e priorizando entre eles, o atendimento das necessidades dos migrantes em situação de vulnerabilidade, em duas perspectivas: inserção em postos de trabalho com melhor qualificação e abertura e gestão de pequenos empreendimentos. Diante da nova realidade, com a multiplicação dos novos deserdados pela globalização, o apoio é dado também à toda população vulnerabilizada.

O que parece uma história distante continua acontecendo, de forma cada vez mais perversa, nos dias de hoje. Vivemos numa sociedade global onde as pessoas cada vez mais se deslocam por se sentirem excluídas dos benefícios e recursos disponíveis que, em princípio, deveriam ser acessíveis a todos. A globalização pode ser, em si, fato positivo. Contudo, o que poderia ser fator de aproximação e interligação das pessoas e dos povos, na verdade é confundida com o processo de financeirização do mundo. Todos os espaços da vida humana passam a ser ocupados pela força do dinheiro e as leis inexoráveis do mercado competitivo. Obscurecem-se os valores intrínsecos da pessoa humana e sua dignidade. A inclusão ou exclusão obedece critérios estabelecidos pela nova ordem mundial, dominada pelo financeiro e o econômico, pela crescente concentração da riqueza nas mãos de poucos e a conseqüente pauperização da maioria.

UM ESPAÇO DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Define-se o que é educação não formal a partir do seu campo de abrangência e universo de atuação. Entendemos o CESPROM nas dimensões da educação não formal. De acordo com Gohn (1998) utilizamos a expressão “educação não formal” para designar um processo com quatro campos ou dimensões, que correspondem as suas áreas de abrangência. O primeiro envolve a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos, isto é, o processo que gera a conscientização dos indivíduos à compreensão de seus interesses e do meio social e da natureza que o cerca, por meio da participação em atividades grupais. Nesse sentido o CESPROM na sua atividade de reflexão das condições do migrante é um espaço de educação não formal. Na troca de experiências, temores, esperança, situações de preconceito. O testemunho de atitudes tomadas frente às dificuldades promove a participação na partilha de sua história cotidiana.

E a participação através do direito da palavra é condição de se constituir humano, parte de um grupo.

O segundo campo ou dimensão é a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades. No CESPROM os cursos profissionalizantes garantem essa capacitação. O terceiro, que é a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a organizarem-se com objetivos comunitários, voltados para a solução de problemas coletivos cotidianos, se faz presente na formação pessoal no CESPROM. A orientação para se inscrever no Posto de Saúde Municipal ou solicitar qualquer outro serviço público, questionar valores cobrados indevidamente, observar contratos ou recibos antes de assinar, solicitar informações relativas a transporte público, preencher uma requisição, são algumas das discussões pertinentes no grupo. Os indivíduos se ajudam e se fortalecem na dimensão do grupo.

O quarto, e não menos importante, a aprendizagem dos conteúdos da escolarização formal, escolar, em formas e espaços diferenciados. Observamos essa atividade no “reforço” oferecido pelo CESPROM, onde os estudantes são acompanhados no período contrário ao da escola, para estudo em grupo, realização de trabalhos e pesquisas escolares. Para o migrante, esse pode ser o momento de decodificar informações recebidas na escola, espaço de educação formal, que na maioria das vezes não se atenta às questões subjetivas do grupo.

A educação não-formal atua sobre aspectos subjetivos do grupo, não é organizada por séries, idade, conteúdos; ela capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. O modo de educar surge como resultado do processo voltado para os interesses e as necessidades de quem participa. A construção de relações sociais baseadas em princípios de igualdade e justiça social, quando presentes num dado grupo social, fortalece o exercício da cidadania.

A transmissão de informação e formação política e sócio cultural é uma meta na educação não formal. Ela prepara os cidadãos, educa o ser humano para a civilidade, em oposição à barbárie, ao egoísmo e ao individualismo. Desenvolve laços de pertencimento. Ajuda na construção da identidade coletiva do grupo (este é um dos grandes destaques da

educação não-formal na atualidade). Fundamenta-se no critério da solidariedade e identificação de interesses comuns e é parte do processo de construção da cidadania coletiva e pública do grupo.

CONCLUSÃO

O trabalho desenvolvido no CESPROM tem importância imensurável para os migrantes de Santo André. Mas, melhor mesmo seria, viver em um mundo onde espaços como o CESPROM não precisassem existir. Um mundo sem fronteiras.

O direito de ser cidadão do mundo ainda é um sonho, mas não pode ser esquecido ou abafado. Precisa ser lembrado a cada instante, a cada momento por todos os que militam nas causas pela superação de todas as exclusões, discriminações e preconceitos. Homens e mulheres, pobres ou ricos, não importa de que nação, sexo, cor, origem étnica não podem ser discriminados e tratados desigualmente no momento em que escolhem livremente onde morar ou, com mais razão, quando são forçados a migrar.

Para todos nós, sobretudo na condição de migrante, são os laços afetivos, o mútuo e respeitoso acolhimento em qualquer circunstância ou lugar, que nos dão a dimensão do humano. A dimensão verdadeira de ser humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAENINGER, Rosana. *Espaço e tempo em Campinas: migrantes e a expansão do pólo industrial paulista*. Campinas, 1999 C.M.U./Unicamp. Col. Campiniana, vol.9

FREIRE, Paulo. Educação e conscientização. In: *Educação como prática da liberdade*. 9.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. pp. 101-122.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal: um novo campo de atuação In: Ensaio: aval.pol.públ.educ. Rio de Janeiro, v.6, n.21, out/dez.1998. pp. 511-526.

_____. *Educação não-formal e cultura política*. 2ª ed. São Paulo: Cortez (Coleção Questões da nossa época) – íntegra.

MILESI, Rosita; CONTINI, Nadir. *Migrantes e Refugiados no Brasil: Realidade e Desafios*. Disponível em: <http://www.migrante.org.br/artigo3outubro.doc>. Acesso em: 12 abril.2008.

_____; UCHOA, Virgílio Leite. *Migrantes: Uma questão de direitos humanos*. Disponível em <http://www.migrante.org.br/artigo5outubro.doc>. Acesso em: 12 abril.2008.

VON SIMSON, Olga R. de Moraes; PARK, Margareth B.; SIEIRO, Renata F. (org) *Educação não-formal: cenários da criação*. Campinas, 2000, Ed. da Unicamp.